

Sobre a dignidade do ser humano

*Discurso proferido por Johann Gottlieb Fichte no fim de suas preleções de Filosofia (1794)*¹

*O autor dedica estas páginas a seus protetores e amigos; não como investigação, mas como expressão do sentimento mais entusiasta em prol daquela, em memória das íntimas horas que juntos partilharam em busca da verdade.*²

Acabamos de mensurar completamente o espírito humano; acabamos de estabelecer um fundamento sobre o qual se pode erigir um sistema científico enquanto representação exata do sistema *originário* [que reside] no ser humano. Como conclusão, apresentamos um panorama do todo.

A Filosofia nos ensina a procurarmos tudo no eu. Apenas através do eu sobrevêm ordem e harmonia na massa morta e amorfa. Unicamente a partir do ser humano se expande a *regularidade* que o circunda até o limite de sua observação; e à medida que ele amplia este limite, amplia com ele a ordem e a harmonia. Sua observação mostra até o infinito o lugar diverso de cada coisa, que nenhuma outra

¹ Extraído de *J. G. Fichtes Sämtliche Werke*. Hrsg. von I. H. Fichte. 8 Bände. Berlin: Veit & Comp., 1845, Vol. I, pp.412-16. Presumivelmente trata-se do discurso com que Fichte finalizou em abril de 1794 seu primeiro ciclo de aulas sobre a *Doutrina da Ciência* no círculo de Lavater, o chamado *Zurich Speech*. Nesta época, assim que soubera da sua nomeação para suceder Reinhold em Iena, sabe-se, Fichte havia começado a redigir um texto programático – “Über den Begriff der Wissenschaftslehre oder der sogenannten Philosophie” –, a fim de servir de guia a suas preleções. Este texto apareceu publicado em 1794. Imediatamente depois, ainda em 1794, aparecia a primeira parte da célebre *Grundlage der Wissenschaftslehre* (a segunda e a terceira partes apareceriam só em 1795). Com isso o leitor pode ter uma idéia do contexto em que Fichte profere o presente discurso e a importância que comporta dentro da primeira versão da *Doutrina da Ciência* (N. do T.).

² A dedicatória é do próprio Fichte.

pode ocupar, introduzindo unidade na diversidade infinita. Através dela mantêm-se juntos os corpos do universo, tornando-se *um* único corpo organizado; através dela navegam os sóis em suas órbitas preestabelecidas. Através do eu ergue-se a imensa série de graus que vai do líquem ao serafim. *Nele* está o sistema de todo o mundo espiritual, e o ser humano expecta com razão que a lei que ele dá a si mesmo e ao mundo tenha de valer para ambos. Expecta com razão o futuro reconhecimento universal da mesma. No eu reside a garantia certa de que, a partir dele, irão se expandir infinitamente a ordem e a harmonia onde agora não há; de que com o progresso da cultura humana progredirá simultaneamente a cultura do universo. Tudo que ainda é informe e desordenado irá diluir-se na mais bela ordem por obra do ser humano, e o que já é harmônico tornar-se-á – de acordo com leis até agora incógnitas – cada vez mais harmônico. O ser humano introduzirá ordem na turba e um plano na ruína universal; através dele a decomposição será composta, e a morte conclamada a uma nova vida de glória.

Este é o ser humano, se o consideramos simplesmente enquanto inteligência observadora; o que ele não seria se o considerássemos como um poder de agir praticamente!

Ele não *põe* apenas a ordem necessária nas coisas; também lhes dá aquilo que escolheu de acordo com seu arbítrio. No lugar onde ele está presente a natureza desperta; enquanto o ser humano a contempla, ela se prepara para receber a nova e mais bela criação. Já o corpo humano é o mais espiritualizado que podia ser configurado a partir da matéria que o cerca. Em sua atmosfera torna-se o ar mais leve, o clima mais agradável, e a natureza regozija-se na expectativa de ser transformada por ele em morada e curadora dos seres vivos. O ser humano obriga a matéria bruta a organizar-se de acordo com o seu ideal e a proporcionar-lhe

o material de que ele precisa. O que antes fora frio e morto brota para ele como o cereal que alimenta, a fruta que refresca, a uva que anima. E a matéria bruta irá se transformar em outra coisa, tão logo ele lho peça. Em sua volta enobrecem-se os animais; sob seu olhar temido perdem sua ferocidade e recebem uma alimentação mais sadia da mão do seu senhor, a quem recompensam com solícita obediência.

E mais ainda: em volta dos seres humanos enobrecem-se as almas. Quanto mais humano alguém é, tanto mais profunda e amplamente repercute sobre os [outros] humanos. Pois aquele que porta o verdadeiro selo da condição humana (*Menschlichkeit*), jamais será incompreendido pela humanidade (*Menschheit*). Qualquer eflúvio de humanidade (*Humanität*) cerne-se sobre cada espírito e sobre cada coração humanos. Em volta do ser humano superior formam um círculo os humanos, dentro do qual possui mais humanidade aquele que mais se aproxima do centro. Seus espíritos aliam-se e aspiram a unificar-se, a formar um único espírito na variedade dos corpos. Todos são um entendimento e uma vontade, e trabalham em conjunto no único e grande plano possível da humanidade. O ser humano superior impulsiona sua época com veemência para um nível mais elevado de humanidade; olha para trás e espanta-se com o abismo que franqueou. O ser humano superior arranca com braço gigantesco o que ele pode retirar dos anais do gênero humano.

Destruí a morada lamacenta em que habita! Em sua existência ele é absolutamente independente daquilo que está fora dele; ele é absolutamente por si mesmo. E [mesmo] na morada lamacenta já possui o sentimento de sua existência, no momento de sua elevação, quando tempo e espaço, e tudo que não é *ele* mesmo, desaparecem; [mesmo] quando seu espírito se separa violentamente do seu corpo, retornando depois voluntariamente ao mesmo para a consecução dos

fins que ainda desejaria realizar por seu meio. Separai as últimas duas partículas de pó vizinhas que ora o circundam: ele *ainda* existirá; e ele *existirá* porque assim o irá *querer*. Ele é eterno, [existe] através de si mesmo e por sua própria força. Obstruí! Frustrai seus planos! Poderíeis demorá-los; mas, o que são miles e miles de anos nos anais da humanidade? Apenas um sonho tênue no despertar matinal. O ser humano perdura e continua *agindo*, e o que vos parece uma desapareição é simplesmente uma ampliação de sua esfera: o que vos parece ser a morte é seu amadurecimento para uma vida superior. As cores de seus planos e as *figuras externas* dos mesmos podem desaparecer, mas seu *plano* permanece o mesmo. A cada momento de sua existência ele atrai constantemente algo novo para dentro de seu círculo, e continuará a atraí-lo para junto de si até que tudo tenha sido abarcado dentro deste: até que toda a matéria carregue a marca de sua ação e todos os espíritos constituam com seu espírito um único espírito.

Este é o ser humano, este é cada um que possa dizer a si mesmo: *eu sou humano*. Não deveria portar um respeito sagrado perante si mesmo, não deveria tremer e estremecer ante sua própria majestade?! – Isto é o que cada um que me pode dizer “eu sou” é: seja onde for que tu mores, somente tu, que portas um rosto humano, mesmo que estejas tão próximo do limite que nos separa dos animais, tu, que plantas cana-de-açúcar sob o jugo do teu senhor; ou mesmo se tu, nas costas da Terra do Fogo, te aqueces com flamas que não acendeste, até extinguiem-se, e choras amargamente por elas não perdurarem por si sós, ou se a mim pareces o mais réprobo e miserável malvado, tu és no entanto o que eu sou, pois podes me dizer: “eu sou”. Por isso és meu companheiro e meu irmão. Oh! Já estive outrora no nível de humanidade em que te encontras, pois trata-se de um nível da mesma, na

qual não há saltos. Talvez estivesse eu em semelhante fase sem o ter claramente presente; talvez passando tão rapidamente que não tivesse tempo de tomar consciência do meu estado. Mas outrora estive aí com toda certeza. E tu estarás, ainda que demore milhões, milhões de milhões de anos – afinal, o que é o tempo? –, com toda certeza estarás no nível em que *estou eu agora*; e alguma vez estarás certamente num nível em que eu poderei agir sobre ti e tu sobre mim. Também tu serás arrastado para dentro do meu círculo, e eu para dentro do teu; também a ti reconhecerei alguma vez como meu colaborador em meu grande plano. – Este é para mim o que *eu sou*, o eu de cada um que é um *eu*. Não deveria tremer perante a majestade da figura humana, e perante a divindade que talvez exista em nossa própria treva, a qual habita decerto no templo que porta sua marca?

Terra e céu, e tempo e espaço, e todos os pavores da sensibilidade desaparecem para mim neste pensamento; não devia desaparecer para mim também o indivíduo? – Eu não vos conduzo de volta para ele. Todos os indivíduos estão compreendidos na única e magna unidade do espírito puro.³ Seja esta a última palavra através da qual me recomendo a vossa memória, e a memória com a qual me recomendo a vós.

Tradução e notas de Juan Adolfo Bonaccini

³ Nota de Fichte: “Mesmo sem conhecer meu sistema é impossível considerar este pensamento como espinosista, pelo menos não o será se atentarmos para o curso desta consideração em seu todo. A unidade do espírito puro é para mim um *ideal inatingível*; fim último que jamais se realiza”.